

A CURA DA QUEBRADEIRA

Leandro Gomes de Barros

Xilo: Valdério Costa



VC

Fortaleza/CE, 2016 - Editora IMEPH

A CURA DA QUEBRADEIRA

Leandro Gomes de Barros

Um quengo, mestre dos quengos,
Adoeceu da algibeira
Encerrou-se num convento
Estudou de tal maneira
Que descobriu um remédio
Para curar quebradeira.

Eu provo com muita gente
O remédio não é mau
Já conheci um doente
Mais mole do que mingau
Só não digo o nome dele
Porque não quero ir ao pau.

Já parecia um cadáver
Só tinha o couro e o osso
Tinha tísica na algibeira
Uma inflamação no bolso
Com três doses de remédio
Tá gordo, robusto e moço!

Tinha uma chaga na calça
Na casaca outra ferida
Tinha um cancro no colete
A camisa enfraquecida
O comércio deu-lhe um talho
Que quase tira-lhe a vida.

Deu-lhe boba nas botinas
Erisipela na capa
Deu-lhe sarampo nas meias
O lixo botou-o no mapa
Já a filha tinha dito:
— Mamãe, papai não escapa!

Comprou um livrinho destes
Foi para casa estudá-lo
Tomou a dose de tarde
Comprou à noite um cavalo
Viu a força do remédio
Cuidou logo em decorá-lo.

Chico Rato, coitadinho,
Dizia: — Me acabo já...
Comprou um livrinho destes
E fez o remédio lá
Hoje vi ele cantando
A Cabocla do Caxangá.

A quebradeira do Chico
Estava inflamada e ruim
No sujo da roupa dele
Estava nascendo capim
E no fundilho da calça
Tinha casa de cupim.

Porém usou o remédio
O cupim se retirou
O capim da roupa dele
No mesmo instante secou!
É hoje um milionário
Com três doses que tomou.

Quem sofre, compre a receita
E preste toda atenção
Porque ela ensina o jeito
De fazer a cavação
Despache em botica grande
Veja se ela serve ou não!...

Essas figuras da capa
Estão aí pra explicar
Este da frente está lendo
O de trás quer se arranjar
É doente que procura
Remédio pra se curar.

E se houver um linguarudo
Que queira me reprovar
Eu digo: — Vá na cadeia
Que há de se desenganar
Tem muitos doentes presos
Para me justificar.

Esses que estão na cadeia
Não aplicaram o cuidado
Só estudaram o remédio,
Mas não cumpriram o resguardo!
Tomando ele no público
Torna-se ruim que é danado!

Deve-o tomar no escuro
Onde não dê uma réstia
E usar constantemente
Muito cinismo e modéstia
Eu não conheço o remédio,
Mas já sofri a moléstia.

Entre todas as moléstias
A pior é a quebradeira
É superior à febre
Coça mais do que frieira
Não há tísica tão danada
Como tísica de algibeira.

Ela quando entre em casa
Esfria logo o fogão
Derrama-se gás no sal
E cai água no carvão
Cai areia na farinha
E fura-se o caldeirão.

Quebram-se os beiços da jarra
Larga o fundo da panela
Some-se o coco do pote
Abre-se em banda a tigela
Aí a dona de casa
Toca a ficar amarela.

Dar logo o cupim na roupa
Rompem-se os bolsos da calça
Quebra-se a chave da porta
E o homem assenta praça
Porque sempre a quebradeira
Vem junto com a desgraça...

Na casa que ia chegar
Some-se logo o dinheiro
Dá moléstia na família
E murrinha no poleiro
Ali já vê não escapa
Nem um pinto no terreiro.

Então ela não vem só
Nem faz pequena demora
E chega junto com ela
O azar e a caipora
Ela de dentro de casa
Faz sortimento aos de fora.

Frei Quenguista vendo o mal
Que estava nos perseguindo
Consultou a outro frade
Que estava este mal sentindo
O frade deu parte ao bispo
Disse o bispo: — Venha vindo.

O frade estudou a cura
O bispo achou-a correta
Consultaram ao cardeal
Diz ele: — A obra é completa
Um arcebispo estudou
Como há de ser a dieta.

Disse Frei Espertalhão:
— O remédio é excelente!
A farmácia sendo grande
Cura-se radicalmente,
Mas não guardando a dieta
Está desgraçado o doente!

Porém usando o remédio
Sendo bem acautelado
Logo nas primeiras doses
Verá o seu resultado
Disse Frei Espertalhão
Que foi com isso curado.

Isto é, este remédio
Será tomado escondido
Porque dos demais remédios
Este é o mais proibido
O doente que o tomar
Se alguém vê-lo é perseguido.

É um remédio excelente
Cura até para o futuro,
Mas para se tomar ele
Só num lugar muito escuro
Calçar sapato de banho
Que possa pular no muro.

O doente que o tomar
Adote mais a cautela
Veja que naquela rua
Não se abra uma janela
Tendo alguma lâmpada acesa
Não passe por junto dela.

Também não deve tomá-lo
Com dois ou três camaradas
As noites próprias pra isso
São noites enevoadas
Principalmente essas noites
De relâmpagos e trovoadas.

E quando entrar na farmácia
Repare se ela tem forro
Pode um apito de lá
Vir depois pedir socorro
Veja que não tenha em casa
Ganso, guiné ou cachorro.

Quando o doente usar ele
Deve aplicar com cuidado
Veja não tenha por perto
Algum subdelegado
Muito cuidado com ele
Esse bicho é carregado.

Essas ruas muito largas
Que tem iluminação
Um agente de polícia
Inspetor de quartirão
Tira a força do remédio
Faz ele perder a ação.

Encontra-se esse remédio
Em cofres municipais
Pelas fábricas de tecidos
Ou bancos especiais
Repartições de alta escala
Tesouros estaduais.

O remédio é extraído
De ouro, papel e cobre
Também há de pedra e níquel
Para algum doente pobre
Alivia o desgraçado
Aumenta as pompas do nobre.

João Gatuno, coitadinho,
Sofria um mal incurável,
Fazia pena se olhar
A roupa do miserável
Com três doses que tomou
Tem fortuna incalculável.



Leandro Gomes de Barros, pioneiro na publicação de folhetos, nasceu em Pombal – PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife – PE, no dia 4 de março de 1918. Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram realizadas mais de 10 mil edições. Após sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista continuou editando a sua obra em Guarabira – PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro, pela viúva do poeta (dona Venustiniana Eulália de Barros), a João Martins de Ataíde que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico final de muitos deles. Os folhetos e romances de Leandro que compõem esta coleção estão entre os grandes clássicos de sua produção e da literatura de cordel de todos os tempos.



Rua Carlos Vasconcelos, 1926 - Aldeota
60115-171 - Fortaleza - Ceará - Brasil - 85 3261.1002
www.imeph.com.br - imeph@imeph.com.br



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).